

Esfriando o planeta

O tema tratado nesta edição da *Revista Agriculturas* não poderia ser mais oportuno: a contribuição da agricultura familiar camponesa e dos princípios agroecológicos que ela aplica para a mitigação e/ou adaptação aos efeitos do aquecimento global.

A crise ambiental pela qual passa o planeta tem múltiplas causas, que se manifestam sob diferentes aspectos. Ainda assim, não erramos muito se afirmamos que existe uma causa principal – o padrão de consumo das sociedades contemporâneas – e um efeito mais agudo – o aquecimento global e os impactos que pode ter sobre a vida na Terra.

O aquecimento global é fruto do acúmulo de certos gases na atmosfera, capitaneados pelo gás carbônico (CO₂). Esses gases diminuem o retorno dos raios solares à estratosfera, fazendo do nosso planeta uma verdadeira estufa. Ainda que o fenômeno venha sendo percebido e mensurado há décadas, apenas nos últimos anos a comunidade científica chegou a um consenso de que suas causas são antropogênicas.

Problema identificado, o comportamento lógico seria a busca de soluções reais. Seria, se os interesses imediatos de alguns grupos econômicos (a indústria petroquímica é apenas um exemplo) não se sobrepusessem. Também é coerente nos perguntar se estamos dispostos a mudar nossos padrões de consumo, condição indispensável para superar ou ao menos minimizar o problema.

Falando em soluções, as que são normalmente alardeadas pela mídia seguem a mesma lógica geradora do problema. Se fomos nós que esquentamos o planeta, podemos esfriá-lo, bradam os arautos da tecnologia sob os auspícios da ciência reducionista. A *geoengenharia* ainda estuda como espalhar minúsculas partículas refletoras sobre os oceanos, levando o calor de volta ao espaço. Outra suposta solução seria colocar uma espécie de para-sol gigante no espaço para bloquear uma quantidade de raios de sol suficiente para esfriar a Terra.

Felizmente, o senso comum aponta que reduzir as emissões de gases de efeito estufa é um caminho mais condizente com a realidade. E existem vários exemplos de modos de vida que pouco ou nada contribuem para o aumento das emissões. Esses exemplos devem ser seguidos ou no mínimo apoiados. A agricultura familiar camponesa é um deles. Na feliz expressão da Via Campesina, ela pode *esfriar o planeta*.

Nesta edição, vamos encontrar artigos concisos, baseados em experiências concretas, que nos mostram como a combinação de saberes contemporâneos com conhecimentos acumulados através dos séculos pelos agricultores e agricultoras gera práticas que tangenciam em maior ou menor grau três elementos fundamentais relacionados com o aquecimento global: a menor emissão dos gases de efeito estufa, o sequestro desses gases que estão na atmosfera e a adaptação aos efeitos já percebidos desse fenômeno.

Do Sul do Brasil, são apresentadas três iniciativas. A experiência do Centro Ecológico no litoral norte do Rio Grande do Sul aponta os sistemas agroflorestais e os circuitos curtos de comercialização como parte importante da reação a esse contexto adverso. O Centro Viane e seus parceiros da Rede de Agroecologia da Serra Catarinense nos mostram como o trabalho de duas décadas com Agroecologia, envolvendo produção, transformação e consumo, traz resultados positivos às famílias agricultoras, além de benefícios ao clima. Já o artigo da AS-PTA compara as lavouras de milho convencional com aquelas em transição agroecológica, demonstrando as vantagens destas últimas em termos de resposta adaptativa às mudanças no clima, bem como para a mitigação de seus efeitos.

Do Nordeste, o artigo elaborado em conjunto pelo Centro Sabiá, Caatinga e Diaconia, ONGs que atuam no semiárido brasileiro, inova e traz, *ipsis literis*, a percepção e a reação de agricultores(as) frente às mudanças climáticas em seu entorno. Os autores se inspiram nos depoimentos colhidos em um esforço conjunto de sistematização para apontar práticas e mecanismos de apoio que deveriam ser implementados **pela** e **para** a agricultura familiar agroecológica.

Saindo das fronteiras do país, o artigo vindo do Equador descreve a situação de famílias agricultoras que vivem nos altiplanos, região naturalmente frágil do ponto de vista ambiental e que teve sua vulnerabilidade ampliada no contexto atual de variações do clima. Com um relato muito concreto, demonstra como um manejo criativo da água pode minimizar o problema, afetando positivamente a vida dessas famílias.

Miguel Altieri e Clara Nicholls são precisos ao realçar a capacidade de culturas camponesas ao redor do mundo de se adaptarem aos extremos climáticos. Apontam ainda a necessidade de socializar rapidamente esses conhecimentos, tendo



Agricultor peruano apresenta o tradicional calendário agrícola

nas redes de intercâmbios entre agricultores o método mais apropriado para isso.

Da Índia, a experiência da ONG Seva Mandir nos fala como a combinação de práticas tradicionais e modernas pode ser um instrumento eficaz para ajudar diversas comunidades rurais a se adaptar às novas condições climáticas.

A partir da leitura desse conjunto de artigos, conheceremos mais sobre a aplicação concreta dos princípios agroecológicos, com relatos sobre a transição para desenhos de agroecossistemas mais complexos, sobre os sistemas agroflorestais, o beneficiamento em pequena escala de alimentos, os circuitos curtos de comercialização. Aprenderemos

sobre a percepção e a reação de agricultores(as) frente às crescentes adversidades em seu entorno e sobre como aliam conhecimentos locais à criatividade para se adaptarem às mudanças no clima.

Vindas de diferentes regiões do planeta, essas experiências e reflexões reforçam aquilo que aprendemos na infância do movimento ambientalista: para problemas globais, soluções locais.

Boa leitura. Que nos inspire. A produzir com eficiência. A consumir com inteligência. A viver com sabedoria.

Laércio Meirelles
coordenador do Centro Ecológico
www.centroecologico.org.br
laerciomeirelles@terra.com.br